



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CONSAGRADO ÀS NINFAS. ACERCA DE UMA LÁPIDE VOTIVA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1926 | Número: 36

---

### **Como citar este documento:**

CARDOSO, Mário, Consagrado às ninfas. Acerca de uma lápide votiva do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, 36 (1) Jan.-Mar. 1926, p. 64-69.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Consagrado às Ninfas

(Acêrca de uma lápide votiva do Museu Arqueológico  
da Sociedade Martins Sarmento)

Na mitologia greco-romana as *Nymphæ* eram divindades que desempenhavam uma missão particularmente simpática, envoltas numa luz fascinadora de poesia e sedução. Pertenciam «à classe dos espíritos divinos do género feminino que povoavam os bosques, as montanhas, as águas; habitavam principalmente as fontes»<sup>1</sup>. De algum modo seriam companheiras ou irmãs das Deusas-Mães, *Matræ*, igualmente «deusas de carácter benéfico, e, ao que parece, dispensadoras da abundância, e protectoras dos campos, dos bosques e talvez das fontes e dos lugares»<sup>2</sup>. Com estas últimas confundiram os romanos as *Fatæ*<sup>3</sup>, as maravilhosas fadas que, ainda hoje, embalam e povoam os sonhos deslumbrantes da ingenuidade infantil. E as mouras encantadas certo grau de parentesco terão também com as desaparecidas ninfas<sup>4</sup>.

As ninfas simbolizavam as fôrças naturais, a eterna renovação criadora da vida! Náíades ou ninfas

---

<sup>1</sup> J. L. de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, Lisboa — 1905, II, 192.

<sup>2</sup> J. L. de Vasconcellos, ob. cit. — pág. 175.

<sup>3</sup> J. L. de Vasconcellos, ob. cit. — pág. 178.

<sup>4</sup> F. M. Sarmento, *Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães*, in «Revista de Guimarães», 1896, vol. XIII, pág. 11.

das fontes, nereides ou ninfas do mar, eram divinizações duma elevada e delicada subtiliza panteísta:

*«Je me suis baignée seule dans la rivière de la forêt. Sans doute je faisais peur aux naïades car je les devinais à peine et de très loin, sous l'eau obscure.*

.....  
*Et j'appelais: «Naïades! naïades! jouez avec moi, soyez bonnes.» Mais les naïades sont transparentes, et peut-être, sans le savoir, j'ai caressé leurs bras légers.»<sup>1</sup>*

Deusas benfazejas e adoráveis que povoavam, invisíveis, o mundo dos lagos profundos e tranqüilos; dos prados de esmeralda; dos cimos nimbados pelo brilho da manhã ou diluídos na violácea transparência do poente; das grutas onde o silêncio paira, recolhido. A sombra misteriosa dos bosques sagrados, os troncos musgosos dos carvalhos e dos cedros seculares, a húmida verdura dos tapetes veludosos de relva, por onde serpenteavam lípidos regatos murmurantes, formavam o cenário edénico e primitivo onde elas viviam a cantar. Através da floresta viridente, formosas ninfas corriam<sup>2</sup>, semi-nuas, risonhas e cansadas, perseguidas de perto por sátiros hirsutos e brutais ou lascivos faunos, musculosos e tisonados do sol, — marcando o eterno contraste entre a frágil beleza feminina e a fôrça vencedora e fecundante! Foi êste quadro um dos *motivos* predilectos que dominaram alguns séculos da história da Arte. As ninfas, personificadas na gracilidade môça, palpitarão nos poemas, desde Homero a Camões; deusas vivas, tomaram forma no mármore e no bronze, desde a Grécia de Praxíteles à escultura sensualista dos séculos XVIII e XIX; pertencendo ao séquito amoroso da Vénus clássica foram as inspiradoras que povoaram muitas telas de Ticiano, Rubens, Poussin, Corot, Cabanel,

---

<sup>1</sup> Pierre Louys, *Les Chansons de Bilitis* (traduites du grec), I — Bucoliques en Pamphylie — Paris (A. Fayard).

<sup>2</sup> «Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos» — *Os Lusíadas* — IX, 70.

Bouguereau, Henner e tantos outros Magos da côr e do desenho!

¿Não são pois as ninfas divindades particularmente atraentes e, a todos os títulos, amigas benfazejas? Por certo. E, por isso mesmo, e porque, no bom tempo de outrora, velavam especialmente pelas raparigas, pelas jovens esposas, pelas noivas — estas consagravam-lhe um fervoroso culto, levavam aos seus pequenos templos, às suas grutas junto das fontes, das nascentes termas, e junto do mar, as religiosas oferendas, e, piedosamente, lhe erigiam *votos* <sup>1</sup>!

Também, no tempo remoto da antiga Gallæcia e do *conventus* bracaraugustano, no local onde hoje se encontra Guimarães, havia ninfas indígenas <sup>2</sup> e gente môça e crente que a elas consagrava seus votos <sup>3</sup>.

Entre as muitas preciosidades do Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento existe uma lápide votiva <sup>4</sup>, moldurada na base e na parte superior,

<sup>1</sup> «Assim como hoje quem se vê doente ou na imminência de um perigo ou desgraça invoca os santos, a Virgem ou Christo, assim na antiguidade uma pessoa nas mesmas circunstancias invocava os deuses, fazendo-lhes *votos*, i. é, promessas de certos objectos (aras, estatuas, etc.), que depois lhes levava, quando se suppunha servida. Como nos objectos romanos d'esta especie se gravou frequentemente a expressão *ex voto*, que significa «segundo o que se prometeu», chama-se-lhes communmente *ex-votos*; mas taes objectos em latim chamavam-se *donaria*.» — J. L. de Vasconcellos, ob. cit. — pág. 132.

<sup>2</sup> F. M. Sarmento, ob. cit. — pág. 11.

<sup>3</sup> F. M. Sarmento, *Os Argonautas*, Pôrto — 1887, pág. 287: «... com a influencia romana entrou entre nós o uso de gravar em lapides os votos feitos aos deuses.»

<sup>4</sup> E' o exemplar N.º XIII do Catálogo das inscrições lapidares. Vide *Revista de Guimarães*, 1901, vol. XVIII, 45. Errada a cópia da inscrição.

F. M. Sarmento, *Inscrições ineditas*, in «Revista de Guimarães», 1887, vol. IV, 185.

F. M. Sarmento, *Para o Pantheon Lusitano*, in «Revista Lusitana», Pôrto, 1887, vol. I, 238. Errada a cópia da inscrição.

J. L. de Vasconcellos, ob. cit. — 1913, III, 258-259.

Aemilius Hübner, C. I. L. — II — *Inscriptionum Hispaniae La-*

medindo 0,88x0,32x0,22 e tendo no corpo gravada a seguinte inscrição, em caracteres perfeitamente legíveis, de 0,04 a 0,07 de altura:

VRBANꝰ  
 PROCRY  
 SEDE  
 NYMPHIS  
 EXVOTO  
 POSVI

que Martins Sarmento leu: «Urbanus Procryside (sic) Nymphis ex voto posui». E traduziu: «(Eu) Urbano Procrysyde (sic), consagrei (este monumento) ás Nymphas, por voto (que lhes fiz)»<sup>1</sup>. O eminente epigrafista e professor da Universidade de Berlim, Emílio Hübner, com quem Sarmento se correspondia assiduamente, não aceitou a interpretação dada e corrigiu: «Urbanus pro Cryside (sic) Nymphis ex voto posui»<sup>2</sup>, isto é: «(Eu) Urbano, em nome de Crysis, como promessa, erigi ás Nymphas». Sarmento, apesar da relutância que frequentes vezes demonstrava de moldar pela estranha a sua opinião sôbre tais assuntos, desta vez emendou a mão, concordando com Hübner, e confessando, até publicamente, o seu êrro<sup>3</sup>, não só de inter-

---

*tinorum*, Supplementum—Berolini, MCCCXCII—pag. 895, N. 5569. Está errada a cópia da inscrição.

Em Tagilde, concelho de Guimarães, apareceu também, em 1887, uma ara dedicada às *Nymphae Lupianae* (Vide J. L. de Vasconcellos, ob. cit.—pág. 189 e *Revista de Guimarães*—Catalogo das inscrições lapidares—1901, vol. XVIII, 52).

<sup>1</sup> F. M. Sarmento, *Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães*, in «Revista de Guimarães», 1896, vol. XIII, 10 e 11. Encontra-se errada a cópia da inscrição.

<sup>2</sup> Na correspondência (inédita) de Hübner para Sarmento (Berlim, 28-4-1897) lê-se: «...Dans la dédicace aux Nymphes (n. 5569) «pro Cryside» signifie que *Urbanus* a érigé l'autel pour une telle *Chrysis*.» — (Arquivo da Bibl. da S. M. S.).

<sup>3</sup> F. M. Sarmento, *Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães*, in «Rev. de Guimarães», 1898, vol. XV, 105.

pretação mas até de cópia da inscrição, pois por lapso escrevera *Procryside*, em lugar de *Procrysede*, conforme se lê claramente na ara. Este pequeno êrro de cópia, que induziu Hübner a errar igualmente na transcrição para o II volume do *Corpus* (Suplemento), bem como a falsa interpretação, preocuparam o espírito de Sarmento a tal ponto que, em 23-6-97, o epigrafista alemão tranqüilizava o seu escrúpulo, dirigindo-lhe em carta as seguintes palavras: «*Mon cher ami, ne vous troublez pas trop sur l'interprétation des mots pro Cryside — ou Crysede, selon l'orthographe inexacte de la province, pour Cryside — ; il n'est pas rare que les choses les plus simples parfois restent obscures longtemps, même à nous autres, qui faisons métier de ces études.*»

A preciosa ara de que nos estamos ocupando apareceu casualmente, em 1885, no prédio n.º 8 da rua de D. Luís 1.º <sup>1</sup>, de Guimarães, não longe da casa de Sarmento, e foi oferecida para o Museu da Sociedade por Elias da Silva Machado. São curiosos os termos em que o nosso arqueólogo se refere à descoberta, em correspondência para o Padre Martins Capella, também cultor apaixonado da ciência epigráfica. Diz Sarmento: «...*De resto as antiguidades sahem-nos debaixo dos pés. Não ha um mez que nesta boa terra appareceu uma ara, com uma inscrição — a 200 passos talvez da minha porta.*» E adiante: «...*Lembra-se da caza de Levio? Pois esta ara appareceu numa caza de Levio. Pobres Nymphas!*» <sup>2</sup>

¿Que significa esta casa de Levio, surgindo-nos agora ligada à história da ara e das Ninfas? ¿Seria *Levio* uma espécie de alcunha dada por Sarmento a todos os Elias Machados, donos de prédios onde apparecessem pedras com inscrições? Não; tratava-se de uma casa, e bem *pequena casa*, que para sempre ficaria envolta no mistério indecifrável do laconismo de Sarmento, se outra carta anterior, também existente entre a sua correspondência inédita legada à Sociedade, não

<sup>1</sup> Hoje rua «5 de Outubro».

<sup>2</sup> Carta inédita de M. Sarmento para Martins Capella, datada de 6-2-1885. — (Arquivo da Bibl. da S. M. S.).

nos esclarecesse previamente o enigma. Dizia Sarmen-  
to, cerca de 14 meses antes, ao mesmo P.<sup>e</sup> Capela <sup>1</sup>:  
«...*Eu na Povoa de Varzim, onde estive Agosto e 7<sup>bro</sup>, encontrei umas poucas (de antigas povoações destruídas) e dei o tempo por bem empregado. Eu digo que as encontrei na Povoa, mas realmente na Povoa só encontrei peixe fresco e muito vadio; é preciso andar uma legoa e mais para o norte, nascente e sul, para começar a trilhar o terreno das velharias.*» E prossegue, algumas linhas adiante: «*Em conta d'inscripções fui d'uma infelicidade nunca vista. Só ao pé da Igreja de Terroso copiei isto: Caza de Levío. Casa de Levío! mas numa porta d'uma latrina! Depois d'algun trabalho traduzi: Caza d'allivio.*»

Eis a decifração: algum mestre em questões etimológicas estabelecera a seguinte dedução: Casa de Levío = casa de (a)levío = casa d'alevío = casa d'alívio — latrina. O ex-voto às poéticas Ninfas vimaranenses foi pois encontrado, segundo o informe de Sarmen-  
to, na *casa d'alívio* do prédio do Sr. Elias Machado, à rua D. Luís 1.<sup>o</sup>. Só nos resta exclamar, desoladamente, como o arqueólogo ao P.<sup>e</sup> Capela: «Pobres Ninfas!» E ainda: — Pobre Urbano! Onde foi parar, no decurso dos séculos e na inconstância dos tempos, a promessa que fielmente cumpriste para com as Ninfas, em nome, e conforme o desejo expresso, da tua combalida e adorável Chrysis!

O mais puro idealismo junto ao mais ignóbil materialismo! O espírito agrilhado à matéria! Mas não é, afinal, entre estes dois polos que se move e dissipa tôda a vida humana... e até a dos deuses?...

MÁRIO CARDOZO.

---

<sup>1</sup> Carta inédita de M. Sarmen-  
to para Martins Capela, datada  
de 28-11-1883. — (Arquivo da Bibl. da S. M. S.).